

Uma primavera pirata? O Dever-pirata nos Protestos de 2025

Carlos Picanço Wambier

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Sociologia Política. Bacharel em Direito pela UEPG.

Marçal Christian Gomes dos Santos

Pós-graduando em Direito Público pela Legale Educacional. Pós-graduado em Execução Penal pelo Centro de Ensino Roberto Saraiva (CERS). Pós-graduado em Direito Penal e Criminologia pelo CERS. Bacharel em Direito pela UEPG.

Mario Rogel Rocha Filho

Mestrando em Direito UEPG. Especialista em Direito Penal e Política Criminal pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal (ICPC) Bacharel em Direito UEPG.





No dia 9 de setembro de 2025, o Palácio Singha Durbar, sede do poder executivo do Nepal, foi incendiado. Nos portões do palácio Da capital do país, Katmandu, trêmula uma bandeira negra com uma caveira de chapéu de palha sorrindo. Foi um ataque pirata?

Nos meses de setembro e de outubro de 2025, manifestações de massa tomaram as ruas em diversos países. O estopim dessa primavera ocorreu em um local inusitado: no Nepal (GRENIER, 2025; HARVEY, 2025; OLMO, 2025). Jovens foram às ruas após o governo proibir o acesso a 26 redes sociais. Na cobertura dos acontecimentos, a mídia destacou dois aspectos em comum desses protestos: o primeiro é o ator dos protestos, a geração Z, nascida entre 1996 e 2010, caracterizada pela conectividade na internet; a segunda é a presença da bandeira pirata Jolly Roger, do *anime One Piece* entre os manifestantes (ALIEVA, 2025; GRENIER, 2025).

Foto 1: A Bandeira Jolly Roger no Nepal



Fonte: Sunil Pradhan/Anadolu/picture alliance *apud* Grenier (2025).

Isto posto, este ensaio tem como objetivo analisar breve sobre estes protestos – ainda no calor de certos acontecimentos e outras insurgências em outros lugares – mediante tendências em comum com as manifestações que Bruno Cava e Alexandre Mendes categorizam como um ciclo curto emergente, que durou entre de 2010 a 2015. Este ciclo engloba acontecimentos como a Primavera Árabe, o movimento dos indignados na Espanha e Junho de 2013 no Brasil, por exemplo (2017, p 15-16).

Desse modo, compreendeu-se que é possível observar tendências em comum para as Primaveras no Século XXI. Assim, o ensaio apresenta um breve resumo dos protestos de 2025 nos países do Nepal, Madagascar e Peru, que é denominado neste ensaio de Primavera Pirata. Assim, os levantes apresentam um devir-pirata para futuras mobilizações de produção do comum.

Em seguida, expõe-se pontos sobre as características do ciclo emergente de 2010 a 2015. Por fim, encerra-se com as tendências em comum entre as Primaveras abordadas, as quais podem servir de elementos analíticos a aparecer em futuras Primaveras. Salienta-se que estas tendências não esgotam as interpretações dos acontecimentos mencionados, mas abre para uma linha de fuga para levantes multitudinários no presente século.

A Primavera Pirata?

A utilização do termo Primavera para se referir aos levantes populares não é nova. Pode-se citar a **Primavera dos Povos, de 1848**, que Marx e Engels “previram” no Manifesto Comunista. No século XX, ocorreu a Primavera de Praga, em que os jovens tchecos foram às ruas demandando reformas democráticas no regime socialista. No século XXI, no ano de 2011, o camelô tunisiano Mohamed Bouazizi autoimolou-se após ter sua barraca apreendida pela polícia. Este caso desencadeou protestos contra o Ben Ali. Da Tunísia, protestos na Líbia, contra o autoritarismo de Muamar Kadafi e no Egito, de Hosni Mubarak, por exemplo. Estes acontecimentos são de locais distintos, momentos históricos diferentes, mas não deixam de apresentar aspectos comuns.

O início da Primavera Pirata pode ser considerado com o caso do Nepal¹. O governo do país proibiu o acesso a 26 redes sociais, entre as quais o Facebook e o Instagram. Face à proibição, jovens convocaram um protesto em redes sociais que não foram alvo da interdição, como o *Tik-tok*. A manifestação foi convocada na segunda-feira,

¹ Antes das manifestações no Nepal, a bandeira Jolly Roger apareceu em protestos no mês de fevereiro de 2025, na Indonésia.



dia 08 de setembro de 2025. cujo resultado foi uma repressão policial que matou cerca de 19 manifestantes e deixou 100 feridos (DEUTSCHE WELLE, 2025a).

A partir de então, houve uma escalada de radicalização nas manifestações, que desencadeou incêndios em prédios sede dos poderes do Nepal: no Parlamento, na sede da Suprema Corte e no gabinete do governo. assim como na residência do primeiro ministro do país Khadga Prasad Oli, de ministros de Estado. Os protestos tiveram como vitória a renúncia do primeiro-ministro do país, Khadga Prasad Oli (DEUTSCHE WELLE, 2025a; WONG, 2025).

Do Nepal, manifestações eclodiram em outros países, como Madagascar, Filipinas, Peru entre outros. Neste ensaio, analisou-se o caso de três países, em continentes distintos: Nepal, na Ásia, Madagascar, na África e Peru, na América.

Madagascar, o levante iniciou-se contra a escassez de água e eletricidade que atinge o país. Os jovens tomam as ruas desde o final de setembro de 2025, clamando pela renúncia do presidente Andry Rajoelina. Os protestos foram reprimidos, o que resultou em 25 mortes decorrentes do confronto entre forças de segurança e os manifestantes (G1, 2025b).

A pressão popular e o apoio das manifestações por uma unidade militar, chamada de Capsat, motivou o presidente a fugir para a França. A sua fuga ensejou o parlamento votar pelo impeachment de Rajoelina por abandono de cargo (DEUTSCHE WELLE, 2025b; O GLOBO, 2025b). Com isso, uma junta militar assumiu o poder do país e prometeu marcar novas eleições.

Foto 2: Manifestante segurando a Bandeira Jolly Roger em Madagascar



Fonte: Luis Tato / AFP *apud* ALIIEVA (2015).

No Peru, os protestos começaram em 20 de setembro de 2025, mobilizados principalmente contra a reforma da previdência proposta pela presidente Dina Boluarte (OLMO, 2025). Além desta reforma, as manifestações também foram impulsionadas por uma insatisfação com escândalos de corrupção do governo. Na madrugada do dia 10 de outubro, o congresso peruano votou o afastamento da Presidente Dina Boluarte (G1, 2025a).

Foto 3: Manifestantes segurando a bandeira Jolly Roger no Peru



Fonte: Angela Ponce/ Reuters *apud* OLMO (2025).



Observa-se a possibilidade de elencar caracteres em comum para conferir as revoltas nos mencionados países como uma Primavera. Em primeiro lugar, os países onde ocorreram a Primavera não são do Centro Capitalista, ou do chamado Norte Global, mas do Sul Global, em países pouco expressivos na divisão internacional do trabalho.

Um segundo carácter, já mencionado na introdução, é o protagonismo dos jovens da geração Z nas revoltas (GRENIER, 2025; HARVEY, 2025; OLMO, 2025). Esta geração compreende os nascidos entre 1997 e 2012, cujo principal destaque é terem crescido na era digital. Assim, as mobilizações foram convocadas por meio de redes sociais, em especial o *Tik-tok* (WONG, 2025; HARVEY, 2025). O uso das redes sociais possibilitou que a convocação dos atos atingisse muitos jovens, que aderiram espontaneamente aos protestos (HARVEY, 2025; OLMO, 2025).

Além disso, um elemento em comum é observado nas manifestações: a presença da bandeira dos Chapéus de Palha (o símbolo do Luffy), do anime *One Piece* (ALIIEVA, 2025; GRENIER, 2025; OLMO, 2025). A presença de signos da cultura *pop* em protestos não é nova. No *Occupy Wall Street*, em 2011, a máscara de Guy Fawkes, consagrada na história *V de Vingança*, era o símbolo de um coletivo de hackers que se denominaram *anonymous*. No ano de 2019, em Hong Kong e no Líbano, pessoas fantasiadas como o personagem coringa do filme homônimo de 2019 (GRENIER, 2025).

One piece se passa em um mundo de mares vastos e ilhas exóticas, onde o governo esconde segredos sombrios e piratas que dominam os oceanos. A história segue Monkey D. Luffy, um jovem com um sonho aparentemente impossível: se tornar o Rei dos Piratas. Para isso, ele precisa encontrar o tesouro lendário do antigo rei, Gol D. Roger, o *One Piece*.

A grande sacada é que Luffy não busca poder pelo poder; para ele, esse título significa ter a maior liberdade do mundo. Seu trunfo? Seu corpo de borracha, graças a uma fruta especial. Mas sua verdadeira força está em sua capacidade de inspirar e reunir uma tripulação única – cada um com um sonho próprio e grandioso. Juntos, eles vivem uma jornada épica que equilibra comédia absurda, ação alucinante e momentos de emocionante profundidade.

E por que isso vai além dos episódios? Você já deve ter visto a bandeira dos Chapéus de Palha (o símbolo do Luffy) em manifestações ao redor do mundo, de protestos pró-democracia. Há uma razão poderosa para isso. A série, no seu cerne, é um canto sobre liberdade, justiça e a luta contra a opressão. Os protagonistas enfrentam tiranos, desafiam governos corruptos e lutam pela autonomia dos povos. A bandeira dos Chapéus de Palha, portanto, foi naturalmente adotada como um símbolo universal de resistência. Representa a busca de igualdade (a caveira) e esperança de que, mesmo contra um poder esmagador, um pequeno grupo de pessoas determinadas pode mudar o mundo. One Piece não é só um desenho sobre piratas. Transformou-se em uma história sobre perseverar pelos seus ideais e sobre a importância de quem você escolhe para ter ao seu lado nessa jornada. É uma aventura que começa numa busca por um tesouro e se transforma numa lenda sobre legado, igualdade e liberdade: o devir-pirata.

Apontamentos do ciclo de 2010 a 2015

Os acontecimentos de Junho de 2013 do Brasil, o *Occupy Wall Street*, o 15M espanhol, a Primavera Árabe, e o levante em defesa do parque Gezi na Turquia, foram revoltas que se apresentaram em diferentes contextos geográficos e políticos entre si. No entanto, estes levantes podem ser identificados como um ciclo, além da temporalidade, como a luta pelo comum (SOTO, *et al*, 2014, p. 144-145). Cava e Mendes (2017, p. 15) compreendem o comum como

Criar e resistir se pressupõem reciprocamente. Força criativa e destrutiva, *pars construens pars destruens*. É aí que vive o comum, a sua materialidade de desejo e conflito. Um novo terreno para o antagonismo, que embaralha os pares anteriormente distribuídos, confunde as dicotomias bem assentadas, e permite que as pessoas voltem a chamar pelo nome aquilo que pelo que lutam e anseiam. A sua história é a história das lutas que escovam a contrapelo os sentidos dados, seus esquemas e macetes. É a saída da crise pela crise mesma.

David Harvey salienta que estas mobilizações deste ciclo se concentraram, em muitos casos, em praças, como no Cairo (praça Tahrir), Istambul (praça Taskim), Madri (praça Puerta del Sol) e até Nova Iorque, no Zuccotti Park (HARVEY, 2014, p. 23). Harvey



aponta para o desejo destas manifestações de efetivar o direito à cidade, isto é retomar as cidades de acordo com os desejos dos cidadãos, no controle democrático dos sobre a produção e o uso dos excedentes frutos da urbanização (HARVEY, 2014, p. 61).

O direito à cidade e o aspecto urbano pode-se observar em Junho de 2013, no Brasil, pois o das manifestações ocorreu devido ao aumento de vinte centavos na tarifa de transporte público da cidade de São Paulo. O Movimento Passe Livre (MPL) convocou atos na capital paulista contra o referido aumento. Ação direta autônoma, com barricadas e legítima defesa contra a repressão policial foram capturadas simplesmente sob signo de vandalismo – muito propagado pela mídia tradicional –, que lançavam mão da violência gratuita em desprezo ao diálogo e mitigando o direito de ir e vir daqueles “prejudicados” pelos bloqueios. A revogação do aumento na cidade de São Paulo, no dia 19 de Junho, e o MPL se retira das manifestações. Após a repressão policial aos protestos, gritos e cartazes de “O gigante acordou” permaneceram nas ruas e assistiu-se à diversificação de demandas levantadas que surgiram, como pautas do combate à corrupção e da falta de qualidade dos serviços públicos.

No ciclo curto emergente, aos jovens cabe o protagonismo das mobilizações (GOHN, 2014, p. 84). No Junho de 2013 brasileiro, no entanto, um debate foi imposto nas ciências sociais. Em um primeiro momento, afirmou-se que quem foi às ruas jovens de classe média (GOHN, 2014, p. 86). O debate travado foi sobre a constituição de uma nova (ou não) classe no Brasil, em específico dos beneficiados pelas políticas inclusivas, como protagonistas das jornadas de Junho. A ascensão de classes subalternas decorrentes de políticas públicas inclusivas de distribuição de renda e de concessão de crédito e consumo dos governos do Partido dos Trabalhadores. Ela assume diversas grafias de acordo com cada interpretação, e estão elencadas como: batalhadores (SOUZA, 2015), precariado (BRAGA, 2017, p. 227) e classe sem nome ou multidão (CAVA, 2013, p. 74; COCCO, 2014, p. 60-64).

Estes acontecimentos deste ciclo emergente e os seus atores marcaram o surgimento de um movimento social novo, uma nova forma de fazer política (BRAGA, 2017, p. 222; CAVA, 2013, p. 41; COCCO, 2014, p. 45; GOHN, 2014, p. 86). Suas

características, interligadas, são o uso das redes sociais para se comunicar e mobilizar, o **autonomismo**, a **horizontalidade**, e a **“antipolítica”** (COCCO, 2014, p. 171; CASTELLS, 2013, p. 182; GOHN, 2014, p. 21; CAVA, MENDES, 2016, p. 15).

O papel das redes sociais como plataforma de mobilização foi marcante (CASTELLS, 2013, p. 182). A interação das redes sociais com a ruas foi determinante, como as convocações de atos via *Facebook* e *Twitter*. As redes são espaços dos novos movimentos sociais, pois permitem um ambiente mais democrático (horizontal) e veloz para os movimentos sociais, tanto de divulgação quanto ambiente de deliberação e criação de suas pautas e ações.

Assim, as manifestações não foram convocadas por instituições, entidades políticas tradicionais (partidos políticos, sindicatos). Muitos afirmam que os protestos **surgiram do “nada” devido à essa ausência que foi surpreendida pela espontaneidade**. Ou seja, em decorrência da pauta específica, comum e do desejo de mudança, as pessoas foram às ruas por elas mesmas, autonomamente.

Transversalmente às características expostas acima, a antipolítica aparece como um sentimento e ação de recusa a essa forma limitada de se fazer política, notadamente a democracia representativa. O Estado e a representação não condizem mais com a dinâmica e complexidade da vida, ocasionando um descompasso linguístico, político e social entre Estado (incluindo partidos políticos, sindicatos e outras instituições) e sociedade civil (BUCCI, 2016, p. 72). Em meio a isso, surgem linhas de fuga para novas formas de agir e pensar na política (CAVA, 2013, p. 44; ZIZEK, 2013).

Desse modo, a crise política apresenta um quê de causalidade não necessariamente negativa. (COCCO, 2014, p. 174; GOHN, 2014, p. 64). Ora, esta crise foi substrato para a emergência destes levantes antipolíticos. A partir de tal crise, é posta em relevo uma reforma política que efetive direitos e responda aos desejos da sociedade civil (CASTELLS, 2013, p. 185).



Aproximações do Devir-Pirata

A Primavera Pirata de 2025 apresenta algumas tendências em comum com o ciclo curto emergente de 2010 a 2015. Importante ressaltar que estas tendências não são definitivas e limitativas, tanto para interpretações sobre estes acontecimentos, como para futuros protestos. Em primeiro lugar, pode-se mencionar o ator dos protestos, com destaque à juventude. Ocorre que na Primavera Pirata, a denominada geração Z que é protagonista.

O segundo aspecto em comum é o meio utilizado para a convocação e organização: as redes sociais. No ciclo da década de 2010, o *Facebook* apresentou um destacado papel como meio organizador de atos. Na Primavera Pirata, a tendência continua, pois o protagonista, a geração Z, se caracteriza pela porém com o uso de outras redes sociais, como o *Tik-tok*. As redes possibilitam alcançar a convocação dos protestos para um grande número de pessoas, que aderiram a eles espontaneamente.

A terceira é a crise política. É possível denominar de crise de legitimação, mas compreende-se que a antipolítico presente no ciclo de 2010 a 2015 permaneceu perene. A democracia representativa, dos palácios, mobiliza-se de acordo com os ditames do mercado e no interesse de elites. A multidão de jovens, dessa forma, levantou-se pela defesa do comum: a defesa da conectividade, no Nepal, e o acesso a direitos fundamentais, como acesso à água e luz, no caso de Madagascar, e em defesa da previdência social, no caso peruano.

Até o momento, os levantes de 2025 apresentam-se vitoriosos. A renúncias dos chefes do poder executivo no Nepal, Madagascar e Peru são indícios disso. Se estas renúncias apresentarão alguma ruptura política, é algo que não é possível ter uma resposta exata. Cada país tem especificidades e trajetórias que é infrutífero determinar o futuro. Assim, a queda de governos destes países não significa, necessariamente, rupturas estruturais.

Por fim, a quarta é a presença da bandeira pirata de One Piece. A bandeira do navio de Luffy demonstra o devir-pirata dos manifestantes: a caveira, que simboliza a igualdade; ações diretas, que infringem a lei e a ordem, com o objetivo de encontrar um grandioso tesouro. Neste sentido, o fim pode ser o que reivindicavam os movimentos dos indignados espanhóis: Democracia Real Já! Seria a Democracia real, com igualdade e liberdade materiais, o One Piece, o tesouro que os jovens da geração Z caçam?

Referências

ALIEVA, Elmira. Gen Z protesters united by an anime pirate flag are challenging governments around the world. NBC News. 15 de outubro de 2025. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/world/africa/madagascar-gen-z-protesters-united-anime-pirate-flag-rcna235106>. Acesso em 17 de outubro de 2015.

BRAGA, Ruy. A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVA, Bruno. A multidão foi ao deserto. São Paulo: Annablume, 2013.

CAVA, Bruno; MENDES, Alexandre. A constituição do comum. Antagonismo, produção de subjetividade e crise no capitalismo. Rio de Janeiro: Revan, 2017.

COCCO, Giuseppe. KorpoBraz. Por uma política dos corpos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

DE SOTO P. *et al.* De Istambul ao Rio de Janeiro: as lutas pelo comum nas cidades rebeldes. In: CAVA, B.; COCCO, G. (Orgs.). Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.

DEUTSCHE WELLE BRASIL. Entenda os protestos que derrubaram o governo do Nepal. 09 de setembro de 2025a. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/entenda-os-protestos-da-gera%C3%A7%C3%A3o-z-que-derrubaram-o-governo-do-nepal/a-73940490>. Acesso em 15 de outubro de 2025.

DEUTSCHE WELLE BRASIL. Entenda a crise em Madagascar impulsionada pela geração Z. 14 de outubro de 2025b. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/entenda->

a-crise-em-madagascar-impulsionada-pela-gera%C3%A7%C3%A3o-z/a-74352489.
Acesso em 15 de outubro de 2025.

GRENIER, Elizabeth. Bandeira de "One Piece" vira ícone de protestos da Geração Z. Deutsche Welle Brasil. 7 de outubro de 2025. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bandeira-de-one-piece-vira-%C3%ADcone-de-protestos-da-gera%C3%A7%C3%A3o-z/a-74264821>. Acesso em 15 de outubro de 2025.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, Lex. Bandeira do mangá One Piece vira símbolo da geração Z em protestos no Nepal. CNN Brasil. 20 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/bandeira-do-manga-one-piece-vira-simbolo-da-geracao-z-em-protestos-no-nepal/>. Acesso em 17 de outubro de 2025.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e Praças dos indignados no mundo. Petrópolis, Vozes, 2014.

G1. O mangá que virou símbolo do protesto que derrubou a presidente do Peru. O Globo. 10 de outubro de 2025a. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/10/10/o-manga-que-virou-simbolo-do-protesto-que-derrubou-a-presidente-do-peru.ghtml>. Acesso em 15 de outubro de 2025.

G1. 'Primavera dos novinhos': presidente de Madagascar foge do país após protestos da Geração Z que pedem renúncia. O Globo. 13 de outubro de 2025b. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/10/13/presidente-de-madagascar-foge-do-pais-apos-protestos-da-geracao-z.ghtml>. Acesso em 15 de outubro de 2025.

OLMO, Guilherme D. Os protestos da Geração Z no Peru contra reforma da previdência e anistia. BBC Brasil. 30 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clydpxn7ereo>. Acesso em 16 de outubro de 2025.

WONG, Tessa. Como os protestos da Geração Z na Ásia mostram o poder das redes sociais — e seus limites. BBC Brasil. 25 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5y5qd1dm9do>. Acesso em 16 de outubro de 2025.

ZIZEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. In: MARICATO, Ermínia et al. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.